



"COISAS DO BRASIL"

EDUARDO BRASIL
JORNALISTA / PRODUTOR CULTURAL

Pegada de mestre...

Nunca fui bom de português. Arrisco palavras de teimoso que sou. Nos tempos dos bancos escolares, nunca tive paciência - e faculdade - para tantas regras gramaticais. Invejava quem as tinha.

Por isso, sempre fui fã do professor de português, sobretudo dos que, insistentes, tentaram me ensinar com a devida paciência de Jó. Um deles, meu saudoso professor Ezequiel, dos tempos de Escola Normal. Era uma manhã de chuva fina quando ele irrompeu à sala, já passando uma tarefa para a classe.

Professor Ezequiel era formidável. Educado, simpático, risonho e, acima de tudo, um mestre amigo que transformava aqueles minutos que nos dedicava em uma aula prazerosa.

- *Aproveitando a manhã de chuva, que tal conjugarem este verbo? - disse ele, escrevendo a palavra no quadro com o cuidado de destacá-la, separando suas três sílabas.*

- *Vocês têm três minutos.*

Moleza, pensou a turma, que não perdeu tempo, debruçando-se sobre o caderno e mandando ver na tarefa.

- *Termine!* - disse um deles, erguendo o braço como faz o recordista que cruza a linha de chegada.

- *Eu também!* - disse outro.

- *Pronto, professor!* - gritou o terceiro (eu fui o quarto, acho), para em seguida toda a classe anunciar o feito.

- *Parabéns! Foram mais rápidos do que eu esperava - comemorou o professor, apanhando os cadernos e sentando-se à mesa, bem diante de nós.*

- *Vejamos como se saíram* - disse, passando a ler tarefa por tarefa.

- *Ótimo! Surpreendente! Extraordinário!* - exclamava o mestre, que seguiu distribuindo frases de admiração até conferir o último caderno.

- *Eu diria, fenomenal!* - aumentou, enquanto a classe jubilava, soltando vivas.

- *Agora, uma pergunta* - interrompeu o mestre, levando todos ao silêncio.

- *Como é que vocês conseguem... chover?*

Aí, a classe emudeceu de vez, ajeitando-se nas cadeiras.

- *Todo mundo reprovado* - sentenciou, não escondendo a diversão que sentia com a sua literal pegada de mestre.

Ah, sim, falta dizer a palavra que o professor Ezequiel escreveu no "quadro negro" (que na verdade era verde): chu-vis-car.

- *Não se conjuga os fenômenos da natureza. "Eu chuvisco"? Pelo amor de Deus, ninguém aqui chuvisca!* - ensinou.

A classe, envergonhada, agradeceu. Uma lição que nunca mais esqueceria. Até hoje, é só chuviscar e a imagem do mestre vem à lembrança.

(*) Jornalista, teatrólogo e articulista Eduardo Brasil escreve todas as sextas-feiras.



